



---

## AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM DIFERENTES SEGMENTOS DE ENSINO<sup>1</sup>

Viviane Rossato\*

### RESUMO

O artigo trata de um trabalho monográfico que objetivou pesquisar e analisar as possíveis diferenciações no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira nos diferentes segmentos de ensino, escolas da Rede Pública e Rede Privada de Ensino Fundamental e Médio e Cursos Livres de Idiomas, na cidade de Sinop, estado de Mato Grosso, no ano de 2010. Inicialmente é apresentado um resumo histórico sobre o início do ensino da língua inglesa e sua implantação/adequação no sistema educacional brasileiro, bem como abordamos as leis e sugestões de ensino encontradas nas Leis de Diretrizes e Bases (LDB's) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Na sequência explanamos sobre as diferentes abordagens e tipos de metodologias de ensino de uma língua estrangeira, apresentamos também os processos metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa. Após esse percurso relatamos os resultados da pesquisa, as análises das abordagens e metodologias utilizadas por cada professor observado em cada segmento de ensino.

**Palavras-chave:** Letras. Linguística. Metodologia de ensino da língua inglesa. Professores. Vilson J. Leffa.

### 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma análise sobre a metodologia de ensino de três professores de língua inglesa, que ocorre em sala de aula, em três diferentes segmentos educacionais, nas quais procuramos verificar a existência de possíveis diferenciações no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010. Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Juliana Freitag Schweikart

\* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

## 2 PERCURSO HISTÓRICO

Os primeiros professores de língua inglesa no Brasil surgiram para fins práticos, ou seja, para “[...] capacitar os profissionais brasileiros para a demanda do mercado de trabalho da época” (NOGUEIRA, 2007, p.20), uma vez que companhias inglesas que aqui se estabeleceram após a vinda de D. João VI, Príncipe Regente de Portugal, passaram a contratar mão-de-obra local para controlar as manifestações nacionalistas contrárias ao domínio inglês, contudo os interessados precisavam, pelo menos, falar a Língua Inglesa, para poder entender as instruções e receberem treinamentos.

O ensino da língua estrangeira no currículo da educação pública tem sido muito considerado pelo Estado brasileiro desde que D. João VI assinou o decreto que estabeleceu a criação de uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa, em 22 de junho de 1809, no entanto, o ensino da língua inglesa não era tão prioritário quanto a língua francesa, pois esta era tida como língua universal e requisito obrigatório para o ingresso nos cursos superiores (NOGUEIRA, 2007).

Em 1930 houve a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e no ano seguinte, com a Reforma de Francisco de Campos, mudanças ocorreram no conteúdo, que teve o aumento da ênfase dada ao ensino das línguas modernas. Nesta mesma década, e ainda levando em consideração as consequências das mudanças no contexto político e econômico nacional e internacional, temos o surgimento dos Cursos Livres de idiomas no Brasil (NOGUEIRA, 2007).

Em 1942 houve a Reforma Capanema, que dividiu o ensino em dois ciclos, ‘ginásio’ e ‘científico’ e que pode ser considerada a que mais importância deu ao ensino de línguas estrangeiras. Porém, em 20/12/1961 temos a primeira publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei esta que rege o sistema educacional brasileiro e que segundo Leffa (2008, p.13) “[...] é o começo do fim dos anos dourados das línguas estrangeiras [...]”, uma vez que, além de mudar o currículo de ensino para 1º e 2º graus, declara não obrigatório o ensino de língua estrangeira no 1º grau, ficando sob responsabilidade do Estado a inclusão ou não desta disciplina no currículo escolar.

Anos depois, Já com a publicação da LDB de 1996 estabeleceu-se a obrigatoriedade de uma língua estrangeira no 1º grau, que passou a ser denominado de Ensino Fundamental, e no 2º grau, renomeado para Ensino Médio, onde, conforme §5º, especifica que “[...] na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de

pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (BRASIL, 1996, p.11), ou seja, a escola deve verificar qual língua estrangeira deverá ser ensinada, dentro de suas necessidades e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem. Até o momento então temos muitas discussões sobre a existência/importância do LE no currículo escolar, mas pouca preocupação o seu ensino.

Em complementação da nova LDB e para auxiliar professores de todo o Brasil, no processo de ensino-aprendizado em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) foram criados e publicados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1998. “Este documento procura ser uma fonte de referência para discussões e tomada de posição sobre ensinar e aprender Língua Estrangeira nas escolas brasileiras.” (BRASIL, 1998, p.19), ou seja, nele encontramos recomendações e sugestões e não uma coleção de leis, uma vez que, adaptações poderão ser feitas conforme a necessidade local de cada região. Percebemos então a importância de se entender sobre abordagens e métodos de ensino.

### **3 CONTEXTUALIZANDO ABORDAGENS E MÉTODOS**

Uma importante orientação que encontramos nos PCNs é para que todas as habilidades de uma língua sejam ensinadas, visto que, o aluno deveria aprender a falar, compreender, ler e escrever corretamente. Em contra partida, justifica o foco na leitura, (BRASIL, 1998), uma vez que, na educação pública, há salas superlotadas e carga horária reduzida, e o ensino da língua estrangeira está voltado para a preparação do aluno em prestar provas que possibilitarão seu ingresso em faculdades e não para a sua comunicação oral ou qualificação profissional.

Embora os PCN's tragam esse enfoque, ao longo dos tempos, foram desenvolvidos abordagens e métodos que auxiliam o trabalho dos professores no ensino da Língua Estrangeira em sala de aula. Como o Almeida Filho (1999) que traz da Inglaterra, em 1978, ideias sobre um ensino comunicativo, e acaba por introduzir o conceito de abordagem, com a Abordagem Comunicativa a qual tem uma ideia mais ampla do que a de método e que compreende apenas os princípios gerais que norteiam a prática de ensino (BOLOGNINI, 2007). E sua intenção era fazer com que os professores trabalhassem com os alunos em estágios mais avançado de comunicação do que simplesmente ficarem aplicando regras gramaticais e teorias.

É importante ressaltar que para alguns autores não existe distinção entre os termos método e abordagem, uma vez que para eles não há diferença quando se fala em Abordagem da Gramática e Tradução (LEFFA, 1988; CESTARO, 1999) ou Método da Gramática e Tradução (TOTIS, 1991), por exemplo, o que importava realmente era como o professor trabalhava o ensino da língua estrangeira em sala de aula com os alunos. Todavia, neste trabalho usaremos o termo ‘abordagem’ para falar dos pressupostos teóricos sobre o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, ou seja, sobre a postura adotada pelo professor em sala de aula, e a terminologia ‘método’ nos momentos em que serão expostas as práticas destes, em outras palavras, sobre suas escolhas metodológicas.

Por envolver as teorias sobre a natureza e a aprendizagem de línguas, e não determinar os procedimentos a serem adotados em sala de aula, dando mais autonomia ao professor na hora de preparar o conteúdo a ser lecionado, a abordagem determina os princípios de ensino e é considerada o termo mais abrangente no qual engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem (LEFFA, 1988). Falaremos aqui brevemente sobre algumas abordagens.

Temos então a Abordagem Behaviorista, utilizada a princípio por Skinner, no ano de 1945, o aluno recebe um estímulo da confirmação de seu acerto numa determinada atividade praticada em sala de aula, e então, automaticamente, ele grava tal informação.

Diante da “[...] crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem se dá pela internalização das regras que geram essa atividade [...]” (LEFFA, 1988, p.211), temos a Abordagem Cognitiva, difundida no Brasil inicialmente por Jean Piaget, que sugere que o aluno já nasce com uma determinada aptidão para o aprendizado da Língua Estrangeira, sendo desta maneira o oposto da anterior, pois, partindo de uma aprendizagem dedutiva, o aluno processa as informações através da ênfase dada a regras explícitas, sendo muito importante a compreensão do significado de cada estrutura aprendida.

Dentro de uma abordagem podemos encontrar um ‘método’, em virtude de este ter uma abrangência mais restrita, por tratar-se das normas de aplicação dos pressupostos teóricos das abordagens e não dos pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas como um todo. O método surgiu da necessidade de melhorar o ensino da Língua Estrangeira e também para negar a validade do seu antecessor, de modo que, não se pode dizer que um método é melhor ou pior do que o outro, ou que nunca mais será utilizado (BOLOGNINI, 2007). Pelo contrário, alguns métodos nem mesmo sofreram alterações e continuam sendo utilizados até os dias atuais.

O primeiro método de ensino foi o Método da Gramática e Tradução, posteriormente surgiram os métodos: Direto, Leitura, Audilíngual, Audiovisual, Estrutural-Situacional, entre outros.

#### **4 METODOLOGIA UTILIZADA**

Partindo de um método hipotético-dedutivo e previamente baseado em estudos bibliográficos realizamos uma pesquisa com características etnográficas, observando e analisando a metodologia de ensino dos profissionais da educação de Língua Inglesa em três diferentes segmentos educacionais na cidade de Sinop/MT, no ano de 2010, sendo uma professora da Escola da Rede Pública, uma da Escola da Rede Privada, ambas de Ensino Fundamental e Médio, e uma da Escola de Cursos Livres de Idioma, para fins não de avaliar, mas apenas de identificar as diferentes escolhas metodológicas.

A pesquisa teve início por meio da aplicação de um questionário semi-estruturado contendo treze questões abertas e fechadas que abordam informações quanto à formação acadêmica e em outros cursos dos professores entrevistados, tempo de trabalho, carga horária semanal destinada a disciplina de língua estrangeira, materiais didáticos, ambiente físico e estrutural da escola, abordagens, técnicas e métodos conhecidos e aplicados em sala de aula pelas professoras. Posteriormente a esta entrevista estruturada e aberta, fizemos observações das aulas, as quais também gravamos, em áudio e vídeo, para que ao término da pesquisa pudéssemos realizar a análise através da triangulação dos dados coletados.

Para preservarmos o anonimato, nesta pesquisa, nossas professoras receberão ficticiamente os nomes de: Professora Anastácia, denominando a professora da Rede Privada de Ensino Fundamental e Médio; Professora Eugênia, denominando a professora da Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio e Professora Capitu, denominando a professora da Escola de Cursos Livres de Idioma.

#### **5 RESULTADOS OBTIDOS**

Passaremos a relatar e tecer comentário sobre as análises obtidas, lembrando que o objetivo da pesquisa é identificar os métodos utilizados pelas pesquisadas. Discorreremos primeiramente sobre a professora Eugênia, que tenta fazer uso em suas aulas do Método Direto, mas não consegue obter retorno positivo por parte dos alunos que falam somente em português na sala de aula. Durante as observações e através do excerto de nº 1 pudemos

verificar que Eugênia acaba por fazer uso das abordagens behaviorista, aprendizagem mecânica, e cognitivista, com explicação das regras gramaticais explícitas e processo de ensino e aprendizagem de forma dedutiva.

Excerto nº 1: aula do dia 22/10/2009 – turma do 1º ano do Ensino Médio

**Eugênia:** Aí depois, nós temos aqui a conjugação do verbo ‘*to buy*’, que é o mesmo que vocês conjugaram lá naquela folhinha, que é o presente simples, forma afirmativa. Então quando eu falo, eu compro roupas. *I buy clothes*. Você compra roupas. *You...*

**Alunos:** ... *buy clothes*.

**Eugênia:** Ele compra roupas.

**Alunos:** *He buys clothes*.

Comprovamos ao longo das observações das aulas e das fotocópias feitas do material utilizado pela professora Eugênia, que ela utiliza os Métodos da Gramática e Tradução, evidenciado no momento em que a professora solicita que os alunos façam a tradução de textos de maneira oral, bem como faz com que os alunos aprendam a gramática de forma dedutiva, ensinando a regra e dando exemplos conforme visto no excerto de nº1.

Por meio do Método de Leitura de textos escritos na língua alvo, os educandos adquirem novos vocabulários a serem utilizados posteriormente além de melhorar o seu conhecimento sobre a própria língua. Eugênia não faz uso de muitos elementos visuais, nem tão pouco retarda a leitura e escrita dos alunos, e desta maneira identificamos o uso do Método Audiovisual-lingual. Já o Método Estrutural-Situacional é colocado em prática no momento em que os alunos aprendem a língua alvo usando diálogos que apresentam situações reais do cotidiano de um ser humano.

A professora Anastácia, da rede privada de ensino, faz uso da Abordagem Cognitivista e do Método da Gramática e Tradução, que constatamos no momento em que a professora faz a explicação de um conteúdo gramatical de forma clara e objetiva, onde as regras são abordadas de maneira explícita, fazendo com que o aluno absorva as explicações através de uma aprendizagem dedutiva, conforme excerto de nº 2,

Excerto nº 2: aula do dia 02/10/2009 – turma do 3º ano do Ensino Médio

**Anastácia:** Gente, continuando com o conteúdo discurso indireto, a gente vai ver um vídeo hoje [...]. Só que ela tá falando tudo em inglês. O que eu quero que vocês façam? Tudo que ela tá falando tá escrito na tela, certo. E daí, a partir desses vídeos aqui eu quero que vocês

captem o máximo que vocês puderem e aí na próxima aula a gente volta, aí trabalhando com a apostila. [...] Aqueles verbos que tem na página 11, que eu mandei vocês traduzirem, são os verbos que ela fala aqui, verbos que introduzem o discurso indireto.

Com exceção das vezes em que a professora evita que os alunos cometam erros, em nenhum outro momento vivenciamos a Abordagem Behaviorista, uma vez que não há uma aprendizagem mecânica na qual ocorrem repetições sistemáticas do tipo estímulo-resposta-reforço, nem tão pouco a indução por parte da professora em fazer com que os alunos criassem suas próprias regras de aprendizado.

Por não retardar a leitura e a escrita e também devido ao pouco uso de elementos visuais no decorrer das explicações durante as aulas, podemos dizer que há a prática do Método Audiovisual-lingual. Contudo o uso oral da língua inglesa só foi vista em alguns momentos em que a professora fazia a correção dos exercícios, porém na maioria das vezes nem o enunciado era lido em inglês apesar de a apostila ser toda escrita na língua alvo. Já o Método Audiovisual pode ser comprovado por meio do excerto de nº 2, onde a professora apresenta aos alunos um vídeo todo em inglês explicando o conteúdo que estavam aprendendo.

O Método de Leitura é observado quando a professora solicita que os alunos leiam textos e façam a sua compreensão respondendo as questões referentes ao assunto nele abordado.

Analisando o material didático e as aulas do segmento de cursos livres de idioma e conforme excerto de nº 3 abaixo transcrito, constatamos que o Método Direto impera no momento de suas aulas da professora Capitu, pois, estas são ministradas na língua inglesa, da qual a professora mostra pleno domínio, tanto na fala, quanto na parte do conhecimento gramatical. No entanto, nos livros iniciais a professora precisa fazer uso da língua materna, tendo em vista o motivo dos alunos estarem entrando em contato com a língua estrangeira pela primeira vez, mas, com o decorrer das lições, ela abandona a língua portuguesa por completo logo que sinta que estes consigam acompanhar as aulas diretamente na língua-alvo.

Excerto nº 3: aula do dia 02/10/2009 – turma avançada

**Capitu:** *When we talk about month, we use in, in February, in March, when we give date, the month and the date, we use on, so [incompreensível] on February, we use de month first, and the date, the date always in ordinal numbers, on February second. Of course, when you're*

*going to read, you don't say* em fevereiro Segundo, *but* dois de fevereiro, *right* [incompreensível] *because they are different language...*

No livro didático encontramos a exposição de diálogos e narrativas situacionais para que o aluno possa colocar em prática a estrutura da língua-alvo, e esta por sua vez é praticada com várias substituições e ensinada de forma gradativa e sequencial, o que nos leva a confirmar o uso do Método Estrutural-Situacional.

A prática do Método da Gramática e Tradução e Cognitivo foi verificada através das regras gramaticais ensinadas aos alunos e contidas no livro didático, e através da ênfase dada à comunicação. Aplicando o Método Cognitivo a escola faz com que os alunos adquiram regras e não formem hábitos, desta maneira eles são responsáveis pelo próprio aprendizado, que é feito de forma dedutiva e indutiva durante as explicações das estruturas da língua inglesa.

Apesar de a forma indutiva fazer parte do processo de ensino e aprendizagem juntamente com a forma dedutiva, fica evidenciado o uso da Abordagem Cognitiva, pelo fato do foco principal ser o aluno e não o professor, os erros são permitidos, e as regras gramaticais são explícitas.

## **6 CONCLUSÕES**

Através de nossas observações e análises dos dados coletados, constatamos a ocorrência da diferenciação metodológica no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa dentro dos diferentes segmentos educacionais, tendo em vista que, na rede pública e privada de ensino fundamental e médio, verificou-se que as professoras, apesar de dominarem a parte oral da língua inglesa, focalizam o ensino na leitura e escrita, enquanto que, nos cursos livres de idioma, as quatro habilidades da língua estrangeira são trabalhadas simultaneamente. No entanto não identificamos a prevaência de um único método em momento algum, tendo em vista que as professoras se utilizam de vários numa mesma aula, sempre levando em consideração a aprendizagem do aluno.

Percebemos que os maiores problemas que ocasionam tal diferenciação referem-se a carga horária destinada ao ensino da disciplina, visto que, enquanto nas redes pública e privada as professoras dispõem, sequencialmente, de uma e duas horas de aula/semanais, a professora dos cursos livres de idioma, tem a sua disposição, três horas de aula/semanais, a

superlotação nas salas de aula e a falta de motivação e interesse por parte dos alunos dos segmentos da rede pública e privada de ensino fundamental e médio.

Concluimos com isto que o aprendizado da língua inglesa depende muito mais da vontade do aluno do que das escolhas metodológicas das professoras. No entanto, para despertar o interesse daquele, estas precisam fazer uso de diferentes métodos de ensino da língua estrangeira, e então percebemos o quanto é importante que elas conheçam cada um destes, para que não cometam equívocos em suas escolhas, materializando assim, um ensino com qualidade, apesar de termos consciência de que não existe um método perfeito, tudo gira em torno do objetivo da pessoa que deseja ou não aprender outro idioma (CELANI, 2009).

Para tanto, é de suma importância uma formação continuada por parte dos professores de língua inglesa, para que sejam capazes de atuar rumo a possíveis mudanças que venham a auxiliar na maneira de ensinar, formando educadores que pensam e agem a partir de uma nova abordagem de ensino, despertando nos educandos a motivação necessária para que a Língua Inglesa deixe de ser somente mais uma matéria dentro da grade curricular, integrando definitivamente ao cotidiano da sociedade brasileira.

## **THE DIFFERENT METHODOLOGIES OF ENGLISH TEACHING IN THE DIFERRENT EDUCATIONAL SEGMENTS**

### **ABSTRACT<sup>2</sup>**

The article deals with a course conclusion research that aimed to check and analyze the possible differences in the foreign language teaching and the learning process at different educational segments: the Junior High and High School in Public and private Schools and Language Course School, in Sinop, Mato Grosso State, in 2010. Initially we present a historical overview about the beginning of the teaching of English language and its implementation/improvement in the Brazilian educational system, and we discuss the laws and teaching suggestion found in Brazilian Law Guidelines (LDB's) and Parameters National Curriculum (PCN's). Following expounded the different approaches and types of teaching methodologies in a foreign language, we also present the methodological processes used during the research. After this path we report the results of research, approaches and methodologies analysis used by each teacher observed in each educational segment.

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pela aluna Viviane Rossato e revisão pela aluna Gisely Noeli Vanderlinde Bezen, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

**Keywords:** Languages. Linguistics. Methodology of English teaching. Teachers. Vilson J. Leffa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **O professor de língua estrangeira em formação**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1999.

BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **Discurso e ensino: a língua inglesa na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Congresso Nacional**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 30 ago. 2009.

CELANI, Antonieta. Fala, Mestre!. In: **Nova Escola**. Ano XXIV. Nº 222. p. 40-44. maio, 2009.

CESTARO, Selma Alas Martins. **O ensino de língua estrangeira: história e metodologia**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2009.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN. H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. Da UFSC. 1988. p. 211-236.

\_\_\_\_\_. **O ensino das línguas estrangeiras no contexto nacional**. Projeto Elo. Universidade Católica de Petotas, 2008. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2009.

NOGUEIRA, Márcia Castelo Branco. **Ouvindo a voz do (pré)adolescente brasileiro da geração digital sobre o livro didático de inglês desenvolvido no Brasil**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. 182 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de letras, PUC-Rio, certificação digital nº0510556/CA. Disponível em <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pegamum/tesesabertas/0510556\\_07\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pegamum/tesesabertas/0510556_07_pretextual.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2009.

TOTIS, Verônica Pakrauskas. **Língua Inglesa: Leitura**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.